

O musicar local da Banda Dona Gabriela: reflexões sobre seu papel a partir da experiência pandêmica

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO
SIMPÓSIO: BANDAS DE MÚSICA (FANFARRA, FILARMÔNICA, BANDA SINFÔNICA, BANDA ESCOLAR, PERFORMANCE, ENSINO, REPERTÓRIO, HISTÓRIA, ACERVOS, CONTEXTO ESCOLAR)¹

João Henrique Amancio Gião
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
jhagio@gmail.com

Suzel Ana Reily
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
s.reily@iar.unicamp.br

Resumo. A Banda Dona Gabriela é uma banda de música de São João da Boa Vista (SP). Durante a pandemia de Covid-19, o grupo paralisou todas suas atividades e retornou somente em maio de 2022. Neste trabalho, através do conceito de musicar local, buscamos demonstrar os impactos da paralisação no fazer musical dos membros e identificar a importância da banda em suas vidas sociais e musicais em diversas esferas. Assim, argumentamos que o fator que dá coesão e propósito para seu fazer musical é justamente a constituição de suas atividades enquanto um musicar local, ao promover sentimentos de pertencimento para com a localidade e construir vínculos sociais duradouros entre os membros através do engajamento coletivo.

Palavras-chave. Bandas de música, Musicar local, Covid-19

Title. **The Local Musicking of the Banda Dona Gabriela: Reflections on its Role from the Pandemic Experience**

Abstract. The Banda Dona Gabriela is a brass band from São João da Boa Vista (SP). During the Covid-19 pandemic, the group halted all its activities and only resumed in May 2022. In this paper, through the concept of local musicking, we aim to demonstrate the impacts of the halt on the musical practice of the members and identify the importance of the band in their social and musical lives in various spheres. Thus, we argue that the factor that gives cohesion and purpose to their musical practice is precisely the constitution of their activities as a form of local musicking, by promoting feelings of belonging to the locality and building lasting social bonds among the members through collective engagement.

¹ Este texto resulta da pesquisa de Iniciação Científica de João Henrique Amancio Gião, sob orientação de Suzel Ana Reily. Foi financiada pela FAPESP (2019/08171-5), integrado ao Projeto Temático FAPESP "O musicar local - novas trilhas para a etnomusicologia" (2016/05318-7).

Introdução

Este trabalho aborda a Corporação Musical Dona Gabriela de Oliveira Costa e os impactos da pandemia de Covid-19 sobre o fazer musical de seus membros. A Banda Dona Gabriela, como é carinhosamente conhecida, está localizada em São João da Boa Vista (SP) e se apresenta quase semanalmente na praça central da cidade. Entretanto, ao longo do período de isolamento imposto pela pandemia de Covid-19, o grupo paralisou todas as suas atividades. Apesar da exigência de isolamento ter sido suspensa no final de 2021, os membros só voltaram a se reunir em maio de 2022, com a remarcação de ensaios e retretas². Desse modo, os músicos passaram cerca de dois anos sem se envolver no fazer musical da banda, diferentemente de outros grupos musicais comunitários, que encontraram meios para engajarem musicalmente, mesmo que de forma virtual, através da gravação de vídeos e *lives*, por exemplo.

Assim, neste trabalho, nos valendo do conceito de musicar local (REILY, 2021), bem como de referenciais bibliográficos acerca de conjuntos comunitários e bandas de música, buscaremos apontar como a ausência das atividades musicais da Banda Dona Gabriela impactou na vida social e musical de seus membros, de modo a evidenciar o papel e a importância das bandas de música para os indivíduos e suas localidades.

O musicar local das bandas

O conceito de musicar local, como elaborado por Suzel Reily (2021), parte da adaptação do neologismo *musicking* cunhado por Christopher Small (1998), o qual foi associado ao conceito de “localidade”, articulado principalmente no trabalho de Arjun Appadurai (1996). Para a autora, o conceito de musicar é compreendido como “qualquer ato que envolve a musicalidade humana e que, por meio da música e das sonoridades, cria um espaço de interação que mobiliza as sensações e sensibilidades musicais humanas” (REILY, 2021, p. 17). Assim, o conceito de musicar não compreende somente a produção sonora, mas também outras atividades relacionadas ao fazer musical como a dança, a escuta, a discussão sobre música entre amigos, etc. Por meio do uso de um verbo substantivado (*musicar/musicking*), os autores também buscam enfatizar o caráter processual do fazer musical.

² Retreta é um termo utilizado pelos membros das bandas de música para se referir às suas apresentações públicas.

Quanto à associação com a localidade, parte-se da noção de que todo musicar é sempre situado, desse modo, o estudo do musicar local envolve a investigação da articulação entre o musicar e o local em que ele ocorre. É importante destacar que a noção de “local” empregada, não se resume ao espaço físico, compreendendo também a dimensão simbólica e virtual. Segundo Appadurai (1996), a “produção da localidade” é o meio pelo qual as pessoas residentes de determinado espaço físico (vizinhança) constroem coletivamente um espaço onde se deseja viver, com distribuição de trabalho, recursos e segurança. Assim, a localidade é uma “estrutura de sentimentos” que dá coesão e compreende a vivência cotidiana das pessoas em determinado contexto situado. Entretanto, as localidades são frágeis e exigem constante manutenção para sua sustentação, a qual se dá através de intensos processos de interação e negociação nomeados por Appadurai (1996) como “tecnologias coletivas de interatividade”, compreendendo rituais, cerimônias e práticas comunitárias, que inscrevem nas mentes e corpos dos envolvidos a estrutura de sentimentos. Nessa perspectiva, o musicar local se constitui como importante tecnologia na construção da localidade.

Quanto às bandas de música, elas historicamente possuem fortes vínculos com suas localidades, podendo potencialmente se constituírem como significativos produtores musicais da localidade. Se tratando de conjuntos instrumentais que performam principalmente no espaço público, as bandas estiveram muito presentes no cotidiano urbano no século XIX e parte do XX, funcionando como uma espécie de “marcador ritual” e sendo requisitadas para acompanhar inúmeras atividades: procissões religiosas, espetáculos teatrais, cinemas, desfiles cívicos, festas populares, retretas nas praças, entre outras (PÁTEO, 1997). Apesar do enfraquecimento no movimento de bandas a partir do meio do século XX, os grupos continuam presentes e importantes em muitos contextos, sobretudo em pequenas cidades³.

Ruth Finnegan (2007, p. 59), em seu trabalho sobre diferentes mundos musicais da cidade de Milton Keynes, no Reino Unido, observou entre as bandas locais, uma “ideologia explícita de que as bandas de música tinham uma relação direta com sua 'própria' localidade”⁴. Essa perspectiva se dava a medida que havia a expectativa que a banda se apresentasse publicamente nos eventos do calendário musical, religioso e cívico da cidade, de modo que, em retorno, a comunidade local deveria retribuir não só enquanto audiência, mas também através da arrecadação de fundos. Finnegan relata que através das atividades musicais prestadas, os musicantes se sentiam orgulhosos e importantes para a cidade. Ainda, tais

³Para mais sobre o enfraquecimento do movimento das bandas e as novas estratégias que os grupos desenvolveram para se manter em cena ver os trabalhos de Granja (1984), Reily (2013), Páteo (1997), Lima (2000) e Barbosa (2017).

⁴“*explicit ideology that brass bands had a direct relationship to their 'own' locality*”

atividades não se restringiam somente à tocar um instrumento; a autora destaca como fazer parte de uma banda tomava grande parte da vida dos membros, compreendendo atividades como: viajar, organizar uniformes e repertório, arrecadar fundos, preparar e transportar instrumentos - fica evidente, portanto, a pertinência da categoria “musicar”.

Nesse sentido, diversos trabalhos discutem as características do musicar das bandas, sua relação com a localidade e a importância na vida daqueles envolvidos. Katherine Brucher (2013), em seu trabalho sobre a Banda de Covões em Portugal, demonstra como o treinamento musical proporcionado pela bela banda funciona também como um meio de cultivo e ensinamento dos valores da comunidade local.⁵ Brucher descreve como os processos de ensino e prática conjunta, enfatizam o fazer musical como uma atividade social e valorizam aspectos como experiência e lealdade à banda acima do talento individual. Nos *despiques*, espécies de duelos entre duas bandas de cidades distintas, o ethos competitivo fortalece a identificação dos membros e da comunidade com a banda e sua localidade, e através da criação de histórias compartilhadas nessas ocasiões, os músicos se veem eternizados na história das bandas.⁶ Ainda, analisando também os caminhos dos membros para o envolvimento com o musicar da banda, Brucher observa densas estruturas sociais e familiares que se entrelaçam e apontam para o profundo impacto que ela tem em suas vidas.

Juliana Soares da Costa Silva (2018), em seu trabalho sobre a Corporação Musical Operária da Lapa, de São Paulo (SP), aponta como a participação na banda é um significativo espaço de compartilhamento de vivências e socialização para senhores idosos, proporcionando assim, um envelhecimento bem-sucedido. Através das múltiplas atividades que o musicar da banda exige, os membros encontram uma ocupação prazerosa em uma fase da vida que para muitos pode ser marcada por solidão, de tal modo que, os membros relatam que sua participação na banda é tão essencial para suas vidas quanto manter as relações familiares (2018, p. 118). A autora também corrobora a observação feita por Finnegan (2007), ao relatar que os músicos se sentem úteis ao servir sua comunidade.

Já Maria de Fátima Duarte Granja define a banda explicitamente enquanto uma “prática ritualizada” e geradora de momentos de *communitas*⁷ (1984, p. 43). Ao vincularem-se a diferentes momentos da comunidade e a partir da sua característica integradora, elas

⁵ Juvino Alves (2009) faz observação semelhante a respeito das bandas e filarmônicas da Bahia.

⁶ Reily (2013) observou fenômeno análogo em seu estudo sobre os encontros de banda realizados na região de Campanha (MG).

⁷ Como definido por Victor Turner (2006), a *communitas* é oposta a estrutura e designa um sentimento de solidariedade intensa, geralmente atingido durante o período liminar de rituais, no qual os participantes se despem de seus papéis sociais prévios e se encontram em igualdade.

seriam capazes de proporcionar experiências onde a estrutura social se ausenta, desaparecendo as diferenças hierárquicas de modo que manifestam-se livremente os sentimentos - a *communitas*.

Portanto, nesta seção, buscamos vincular as bandas ao conceito de musicar local e, embasados na bibliografia, demonstrar o papel que seu musicar pode desempenhar nas comunidades em que está presente através do estabelecimento de estruturas de sentimentos. Nas próximas seções, apresentaremos a Banda Dona Gabriela e como ela passou pelo período de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19.

Um breve histórico da Banda Dona Gabriela

A Banda Dona Gabriela é uma banda de música fundada em 1938 na zona rural de São João da Boa Vista e que se mantém em atividade até os dias atuais. Se tratando de uma banda primordialmente comunitária, suas apresentações incluem eventos cívicos, mas seu principal contexto de performance são as apresentações que realiza três domingos por mês, no período da noite, na Praça Coronel Joaquim José, praça central da cidade. Nessas apresentações, a performance do grupo cria um ambiente sonoro que acompanha diversas atividades como dança, conversas entre amigos, venda de ambulantes, brincadeiras infantis, dentre outras. Assim, as retretas se estabelecem como um importante espaço de sociabilidade e lazer para os membros do grupo e a comunidade, promovendo formas de musicar diversas ao longo dos anos para os envolvidos.

Tais apresentações estão previstas em um contrato anual que a banda realiza com o departamento de cultura da cidade, o qual cede uma verba que permite a manutenção da banda e o pagamento de um salário mensal no valor de 400 reais a cada músico, com exceção do maestro que recebe 800.

Até 2005, a Banda Dona Gabriela poderia ser considerada uma banda de coreto “tradicional” com uma formação instrumental que consistia principalmente em bumbo, prato, caixa, clarinete, baixo tuba, sax horn, trombone, bombardino e trompete. O repertório também não fugia da tradição das bandas, se baseando principalmente em dobrados, marchas, valsas e algumas peças sinfônicas extraídas do repertório erudito, mas também com a presença de gêneros populares, como samba, choro e bolero. Entretanto, no ano de 2005, acompanhando uma mudança geracional, o grupo passou por uma transformação em sua instrumentação, se aproximando de uma formação de *big band*, com guitarra, baixo elétrico, bateria, trompetes, sax alto, sax tenor e trombones. O repertório também foi adaptado para a nova formação e passou a favorecer cada vez mais a inclusão de gêneros populares e dançantes, a despeito das

marchas e dobrados, de modo que hoje em dia, ele consiste principalmente de sambas, choros, boleros, bossas-novas, canções americanas, jazz, pop, baiões, xotes, entre outros.

A partir dessas transformações, a banda buscou se adaptar a novas demandas que surgiam por parte de seu público na época. Conta-se que antes da transformação alguns casais tentavam dançar ao som do conjunto, entretanto o repertório de dobrados não era favorável para a dança. Márcio, que era o regente naquela época, relata que, atendendo ao pedido de um casal frequentador da Praça Coronel Joaquim José, uma fonte luminosa foi desativada para dar lugar a uma pista de dança no local onde hoje está o Fonteatro Emílio Caslini (local das apresentações da banda). A partir desse momento, o grupo começou a incorporar em seu repertório músicas que incentivassem o público a dançar, o que resultou em mudanças na instrumentação. Isso ilustra como formas de musicar, como a dança, impactaram nas práticas da banda e até mesmo como o musicar da banda impactou no local, resultando em uma alteração no espaço físico da praça e promovendo novas formas de engajamento, ao incentivar a dança.

Assim, estabeleceu-se o Baile na Praça (nome que se popularizou para as retretas de domingo da banda depois da transformação), um importante espaço de lazer sobretudo para a população da terceira idade da cidade, a qual, por meio das performances do grupo pode dançar aos moldes dos bailes de sua época na pista de dança da praça. Infelizmente, no decorrer dos anos, a banda vem perdendo público e o Baile na Praça vem se desarticulando. Sobretudo após a pandemia de Covid-19, a quantidade de casais que dançam na pista de dança durante as retretas diminuiu consideravelmente. Os músicos atribuem isto ao fato de as pessoas de terceira idade terem medo de se expor a atividades coletivas por serem mais vulneráveis ao vírus; todavia, observa-se que aos poucos essa prática vem sendo retomada.

Da perspectiva dos músicos, nota-se que há um equilíbrio entre o compromisso e o lazer. Por um lado, o grupo se empenha em cumprir seu contrato com a prefeitura e oferecer entretenimento para a população da cidade; por outro, os membros não abrem mão do prazer ao realizar suas atividades, tocando e conversando. Entre as músicas, há o costume de parar por alguns minutos, momento em que os músicos usam para conversar entre si. Há também a prática de se escolher as músicas que serão tocadas durante a própria retreta, através de um sistema chamado “Seleção”, no qual de duas a três músicas de mesmo gênero são escolhidas, alternando entre seleções de andamento rápido e lento. Por meio desse sistema, podem adaptar as escolhas do repertório às circunstâncias imediatas, respondendo às demandas do público e ao desejo dos próprios músicos.

Além das retretas, os ensaios também se constituem como um espaço importantíssimo para o musicar e lazer dos membros. Assim como as apresentações, eles ocorrem três vezes ao mês, geralmente às quintas-feiras. Nesse espaço, é possível observar um certo ideal de sociabilidade musical que é mantido ao longo de sua duração, de modo que há grande abertura para que os músicos conversem, contem piadas, compartilhem experiências e interajam, compondo o musicar do grupo. Há também a preocupação com o aprimoramento performativo e a qualidade musical que vai ser apresentada nas retretas. Com a constante ampliação do repertório, com novas peças e novos desafios, os músicos são motivados a se dedicarem mais ao seu desenvolvimento da técnica instrumental, ao mesmo tempo em que podem apresentar novidades para o público.

A banda na pandemia

No momento em que iniciou-se o isolamento social imposto em decorrência da pandemia de Covid-19 no estado de São Paulo, a banda paralisou completamente todas suas atividades costumeiras (apresentações e retretas), retornando somente em maio de 2022. Nesse período não houve pagamento e apesar dos membros terem mantido contato através de trocas de mensagens no grupo da banda no *Whatsapp*, nenhuma atividade foi realizada remotamente - como gravação de vídeos musicais ou *lives*. Alguns membros cogitaram marcar um encontro em certos períodos de abrandamento, mas isso nunca aconteceu. Alguns membros se desligaram do grupo: o maestro Márcio, que mudou de cidade, e o baterista/percussionista Márcio L., que saiu por motivos pessoais.

O retorno às atividades presenciais foi liberado no final de 2021, entretanto, a primeira apresentação do grupo no pós-pandemia se deu somente em 8 de maio de 2022. Nesse ínterim (fim de 2021 e maio de 2022), os músicos se demonstraram desanimados com a demora para retomar os ensaios e as retretas, de tal maneira que um dos músicos, Francis (trompetista), optou por sair do grupo. Posteriormente, informou-se que tal demora para o retorno da banda se devia aos fatos de que a prefeitura ainda não havia permitido que a corporação se apresentasse na praça e de que a diretoria ainda não havia encontrado um novo maestro para substituir Márcio após sua saída. Durante esse período de aguardo, alguns músicos questionaram o porquê de não voltarem a ensaiar espontaneamente, mesmo sem liberação da prefeitura para se apresentar. Desse modo, marcou-se uma reunião para o dia 7 de abril, na qual os músicos se reencontraram, conversaram, mas não tocaram. Foi marcado um outro encontro para o dia 28 de abril, mas somente três músicos compareceram.

Como foi dito, o reinício das atividades ocorreu somente no início de maio de 2022. Mesmo com o grupo se apresentando em maio e junho, o pagamento referente ao mês de

maio só veio no final de junho. Por conta disso, dois músicos residentes da cidade de Vargem Grande do Sul (SP) - cidade que fica a cerca de 21 quilômetros de distância de São João da Boa Vista - saíram da banda, pois o custo do deslocamento tornava inviável suas participações. Antes da pandemia eles recebiam um auxílio transporte junto com o pagamento; com o retorno, esse apoio não se repetiu.

Assim, a banda voltou às atividades com uma redução notável em seu rol de músicos. No seu retorno, a configuração dos membros foi a seguinte: 3 saxofonistas, 2 trompetistas (antes eram 4), 2 trombonistas (antes eram 3), 1 baterista/percussionista (antes eram 2), um baixista, um guitarrista, um técnico de som e um (novo) maestro.

O impacto da paralisação e o papel da banda

Nas seções anteriores descrevemos as características da Banda Dona Gabriela, sua trajetória e como ela passou pelo período de isolamento social. Agora, baseados em entrevistas realizadas por João Henrique entre 2021 e 2023, nos voltamos para como essa experiência fez os membros avaliarem a importância do grupo em suas vidas e como o caráter das atividades enquanto uma forma de musicar local funciona como um elo de sustentação.

Os músicos relataram que sentiram muita falta das atividades da banda durante a pandemia. Em suas falas, podemos observar grande destaque para a natureza coletiva do musicar como importante dimensão das atividades e a ausência do contato interpessoal como um dos principais motivos da falta sentida:

A falta é grande. [...] Até o Márcio, a gente comentou, “Vamos fazer um ensaio, uma troca de figurinha...”, entendeu? Não precisa nem ensaiar. Vamos lá no galpão, bater um lero, ver como é que estão, pra gente enturmar de novo, né? Porque você mesmo é aluno, a gente tem amigos na hora que você está num grupinho há muito tempo, só que depois que você sai daquela rodinha, tanto no serviço como na escola, o que acontece: você perde, entendeu? Vai perdendo um, vai perdendo outro, e quando vê, você está sozinho de novo. (FERNANDO, 2021)

Já Carlos (saxofonista), além de corroborar a fala de Fernando, aborda também a incerteza com o retorno da banda e como a retomada tem apresentado novos desafios:

Com relação a banda, pra mim foi muito difícil, porque a banda era o ambiente onde convivia com os amigos e fazia o que eu gostava que era tocar. De repente não tinha mais nada disso. Com o tempo, muitas incertezas começaram a brotar na cabeça, como por exemplo se a banda iria voltar a tocar na praça. Em resumo, foi um período de muitas incertezas e depois que voltamos está sendo um período de muitos desafios, teve um impacto severo acredito que para todos também da banda. (CARLOS, 2022)

Nesse sentido, quando questionados, os membros ressaltaram a importância da banda em suas vidas em diversas dimensões. Primeiramente, quanto ao papel em sua formação, todos apontaram que ela foi extremamente importante: Antônio (trombonista), aborda como, através da banda, teve a oportunidade de tocar e aprender com diversos músicos importantes da comunidade e assim se aprimorar enquanto instrumentista. Fernando conta que aprendeu (e aprende) muito com seus companheiros de naipe, especialmente quando estava começando e tinha dificuldade com o repertório novo. Eduardo (trompetista), que entrou na banda com 16 anos (hoje tem 39), dá destaque para como o amplo repertório o fez conhecer diversos gêneros musicais que julgava não ser comum jovens conhecerem, como: dobrado, bolero, samba, samba-canção, jazz, choro. Além disso, conta que o convívio com pessoas mais velhas foi muito enriquecedor para seu amadurecimento enquanto pessoa, aprendendo a respeitar as limitações do outro.

Quanto à questão da sociabilidade, os membros enfatizam como os encontros são um ambiente descontraído e leve. Eduardo destaca que os ensaios são um espaço para encontrar os amigos que, devido a rotina de trabalho, não consegue encontrar no dia a dia. Afirma também que, por meio da banda, fez amizades tão importantes, que grande parte dos padrinhos de seu casamento são membros da banda. Carlos ressaltava a longevidade de mais de 30 anos das amizades feitas no grupo. Ainda, quando perguntados sobre o principal fator que os motiva a participar da banda, Carlos e Antônio enfatizam a sociabilidade. Para Carlos:

Não é só a música, tem os amigos também. É um lugar gostoso, você dá risada, você toca. [...] O principal motivo é se reunir com os amigos, tocar. Só quem toca sabe o que sente, né? É o prazer de tocar, estar com os amigos ali e fazer parte de alguma coisa legal. Poder estar tocando numa *big band* é uma coisa muito legal, poucos têm essa oportunidade. (CARLOS, 2021)

Antônio diz:

Estar com os colegas, né, as amizades tudo [sic], nossa é muito importante. Você se encontra lá, conversa com todo mundo. Você revê os colegas tudo [sic], os amigos. Até quando você vai pra fora, tem músico pra lá que te reconhece também. (ANTÔNIO, 2023)

Já Fernando, aborda como a banda é um dos poucos espaços disponíveis para a performance musical de um músico comunitário:

Mas eu estou na Banda Dona Gabriela mesmo é porque eu gosto de música. E eu acho também que é o único lugar que eu fui convidado, entendeu? Porque eu não tenho cacife pra tocar em barzinho, né? Para casamento, essas coisas, então a única que me aguentou foi a banda mesmo. Mas eu acho que eu estou lá por isso mesmo, é pra tocar mesmo. (FERNANDO, 2021)

Assim como observado por Finnegan (2007) e Silva (2018) em suas pesquisas, os músicos da Banda Dona Gabriela também relataram sentir orgulho em servir à comunidade. Eduardo destaca que ao comprovar a importância da banda para cidade, comprova sua própria importância, ao ponto que a banda só existe porque músicos se esforçam para manter sua tradição viva:

[...] a questão de saber que a minha presença, a minha participação, não só a minha, a dos outros músicos também, faz a banda continuar existindo, né? Você cria uma reciprocidade: a banda é importante, mas agora também minha presença se faz importante na banda, então, isso te dá um valor pessoal. Então o orgulho vem disso, a banda precisa de mim para existir. (EDUARDO, 2022)

Henrique (2022) aborda que manter a tradição da banda significa manter vivo um repertório que raramente é tocado em outros contextos: “se eu não tocar essas músicas na banda eu não vou tocar nunca mais em lugar nenhum, vou ficar tocando aqui em casa com o notebook.”

Por fim, os membros também relataram que o musicar da banda é um dos principais motivadores de suas práticas instrumentais. Nessa perspectiva, Eduardo ressalta como as atividades da banda são muitas vezes um dos únicos momentos em que, na correria do dia a dia, tem para praticar seu instrumento. Além disso, como os ensaios e apresentações são semanais, essa prática constante o auxilia em outros eventos musicais. Já Carlos, José (saxofonista) e Fernando, relataram que praticaram pouquíssimas vezes seus instrumentos durante a pandemia, indicando a banda como o fator que dava coesão para suas práticas musicais. Quando perguntado sobre o quanto tinha praticado seu instrumento durante a pandemia, Fernando deu a seguinte resposta:

Bem menos! Você sabe o que acontece? Não tem um incentivo cara! Não tem, sabe? Você fica desmotivado... você fala: “Vai tocar pra quê?”. Por isso que eu estou te falando do “negócio”⁸ do ensaio. Aí você fala: “vou tocar pra quê?” Sabe? Ensaiar... Depois vão ser as mesmas músicas... (FERNANDO, 2021)

Conclusão

Como vimos, os músicos ressaltaram o papel da banda em suas vidas e suas falas enfatizam a importância do fazer musical enquanto atividade coletiva e indissociável da dimensão social. Nesse sentido, argumentamos que a constituição das atividades do grupo

⁸ O “negócio do ensaio” a que Fernando se refere é o ideal de sociabilidade e reciprocidade que os músicos buscam manter durante os ensaios.

enquanto um musicar local é o fator que dá sustentação e propósito para o fazer musical dos envolvidos. Como demonstrado na seção anterior, muitos membros não tocaram seus instrumentos durante a pandemia. Por essa perspectiva, a mera execução musical como fim em si próprio parece não bastar para dar propósito e motivação em suas atividades. O fator motivador reside justamente nas atividades da banda enquanto um musicar local. Ou seja, uma atividade coletiva que envolve o fazer musical integrado a diversas outras atividades sociais e perpassado pela localidade enquanto estrutura de sentimentos.

Como enunciado por Reily (2021, p. 18), por meio de sua integração na vida cotidiana, os musicares se manifestam enquanto espaços que promovem sentimentos de pertencimento para com os contextos em que são vividos e para com aqueles com quem as experiências foram divididas. Fica evidente, portanto, o porquê dos músicos destacarem seu orgulho em manter uma tradição da cidade. A fala de Henrique sobre a banda ser o único espaço em que pode tocar o repertório de gêneros tradicionais, também denota um ideal de preocupação com o resguardo de uma sonoridade musical local do interior paulista, ofuscada na contemporaneidade pela indústria da música.

Ademais, a manutenção de um ambiente informal e o constante fortalecimento dos laços de amizade formados pelos músicos ao longo dos anos se manifestam como importantes constituintes do musicar do grupo. Como observado por Finnegan (2007, p. 92), tanto em bandas antigas quanto nas recém formadas, o ato de tocar junto forjava relações intensas e proporcionavam um espaço em que mais vínculos poderiam ser formados, o que, por sua vez, unia ainda mais os membros. Ainda, o fato de que nem todas as interações são perfeitamente harmoniosas, caracteriza as bandas enquanto uma instituição quase familiar.

Logo, buscamos neste trabalho, denotar como o musicar da Banda Dona Gabriela mobiliza diversas facetas, relacionadas sobretudo a um ideal de sociabilidade e pertencimento para com a localidade. Durante a pandemia, devido ao isolamento, tais fatores foram especialmente suprimidos. Logo, justifica-se porque a ausência da banda foi tão sentida.

Por fim, não queremos aqui criar uma imagem romantizada da banda de música ou retratá-la como uma instituição livre das tensões e contradições da sociedade, mas sim, enfatizar como ela pode se constituir como um importante espaço de musicar local para muitas pessoas que têm a oportunidade de se envolver em suas atividades. Como enunciado por Trevor Herbert:

O clima e o propósito do movimento das bandas são positivos: tem pouco a ver com austeridade, independentemente de como e onde seja praticado. Está

sempre relacionado com a melhoria da vida, é celebrativo, cerimonial e conectado às comunidades em que existe. O movimento das bandas impacta positivamente aqueles que estão envolvidos e aqueles que testemunham seus esforços.⁹ (HERBERT, 2013, p. 53)

Referências

ALVES, J. Bandas, filarmônicas e o mestre Manuel Tranquillino Bastos na Bahia dos séculos XIX e XX. (M. A. Biason, Ed.) Anais do I Seminário de Música do Museu da Inconfidência. *Anais...*: 1. Em: SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA. Ouro Preto, Brazil: Museu da Inconfidência, nov. 2009.

APPADURAI, A. The Production of Locality. Em: *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 178–199.

BARBOSA, M. M. M. *Banda Dona Gabriela, modificações e adaptações no grupo: Permanência da Corporação Musical na sociedade contemporânea (2005 – 2016)*. Trabalho de Conclusão de Curso - Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BRUCHER, K. Composing Identity and Transposing Values in Portuguese Amateur Wind Bands. Em: REILY, S. A.; BRUCHER, K. (Eds.). *Brass bands of the world: militarism, colonial legacies, and local music making*. SOAS musicology series. Burlington, VT: Ashgate, 2013. p. 155–175.

FINNEGAN, R. *The Hidden Musicians: Music-Making in an English Town*. Middletown: Wesleyan University Press, 2007.

GRANJA, M. DE F. D. *A Banda: Som e Magia*. Dissertação (mestrado)—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/116653>

HERBERT, T. Brass and military bands in Britain - performance domains, the factors that construct them and their influence. Em: REILY, S. A.; BRUCHER, K. (Eds.). *Brass bands of the world: militarism, colonial legacies, and local music making*. SOAS musicology series. Burlington, VT: Ashgate, 2013. p. 33–54.

LIMA, M. A. DE. *A banda e seus desafios : levantamento e análise das táticas que a mantém em cena*. Dissertação (mestrado) - Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/201313>. Acesso em 19 fev. 2024.

PÁTEO, M. L. DE F. D. DE. *Bandas de musica e cotidiano urbano*. Dissertação

⁹ *The mood and purpose of banding is positive: it has little to do with austerity, however and wherever it is practised. Banding is always concerned with life enhancement, it is celebratory, ceremonial and connected to the communities in which it exists. Banding impacts positively on those who are involved in it and those who witness its endeavors.*

(mestrado)—Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/116653>. Acesso em 19 fev. 2024.

REILY, S. A. From Processions to Encontros: The Performance Niches of the Community Bands of Minas Gerais, Brazil. Em: REILY, S. A.; BRUCHER, K. (Eds.). *Brass bands of the world: militarism, colonial legacies, and local music making*. SOAS musicology series. Burlington, VT: Ashgate, 2013. p. 99–122.

REILY, S. A. O musicar local e a produção musical da localidade. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, v. 6, n. 1, p. e-185341, 28 jun. 2021.

SILVA, J. S. DA C. *Práticas musicais, comunidade, localidade e velhice : um estudo etnográfico sobre a corporação musical operária da Lapa*. Dissertação (mestrado)—Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2018.

SMALL, C. *Musicking: The Meanings of Performing and Listening*. [s.l.] University Press of New England, 1998.

TURNER, V. *Dramas, campos e metáforas - Ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: Editora da UFF, 2006.